

8 Conclusão

Diante de tudo o que expusemos até este ponto, fica claro que olhar o sujeito-leitor sem associá-lo à trama do tecido cultural é condená-lo à morte, sem perspectivas de ressurreição. Não há como pensar a sua formação dissociada dos aspectos levantados anteriormente, pois não vemos outra maneira de proporcionar-lhe o encontro com os espectros. Somente quando convidado a refletir sobre si e sobre o seu entorno, o leitor tem meios para conjurar seus fantasmas e para reclamar suas heranças.

Entretanto, conforme nós vimos, a situação de leitura colocada pelos ambientes escolares mostra-nos que a abordagem de textos literários não é ainda vinculada pela maior parte de estudantes e de professores a algo de que se possa “tirar proveito” para a vida, a não ser passar no vestibular, fazer prova, produzir um texto para avaliação, manter o estado das coisas, entre outras, como se a escola e a academia fizessem parte de um mundo que corre à revelia, separado daquilo que se encontra fora dos seus portões: a (con)vivência com a linguagem.

Retomemos, em conformidade com o exposto na introdução, o resultado de uma pesquisa como “Retratos da Leitura no Brasil”, indicadora de que a população de leitores no país cresceu, principalmente por causa da escola (esta descrita no trabalho); concomitantemente, encontramos Silviano Santiago, referindo-se ao Brasil como “uma nação de analfabetos”, afirmando que “a educação popular não leva a pensar, leva apenas a macaquear”; além disso, articulamos os dois posicionamentos anteriores com o que a imprensa noticia (veículo do senso comum), ao informar que borracheiros e cobradores de ônibus tenham (pasmem!!!) desenvolvido o gosto pela leitura, sendo capazes, até, de juntar livros velhos que iriam para o lixo e de formar bibliotecas em suas zonas de atuação; e, mais: serem capazes de difundir a leitura. Então, resta-nos perguntar:

Por que o foco da mídia é, justamente, sobre as pessoas sem (ou com baixa) escolaridade? Por que, para a mídia, este fato se transforma em pauta de noticiário? Sem entrarmos no mérito de que a notícia deveria ser motivo de constrangimento, a mola que lhe dá o impulso é, no mínimo, estranha, ao a compararmos com os bons resultados da pesquisa, já que prevalece implícita a

idéia de sacralidade da leitura e de formação do gosto apenas por alguns tocados por mãos divinas. E ainda (ou mais): Como considerar o livro didático responsável pelo crescimento do número de leitores? E o sistema escolar que temos?

São muitas as incoerências e, por esta razão, recusamo-nos a prosseguir na pesquisa, mas aguardamos que os resultados se desdobrem em formas de planejamento para serem desenvolvidas as políticas adequadas à formação de LEITORES, principalmente nos espaços escolares e acadêmicos. É muito interessante notar que a maior parte das ações de leitura seja empreendida por espaços não escolarizados. A pesquisa da professora Tânia Dauster nos informou que a universidade de excelência, em que ela desenvolveu sua pesquisa, mostrava uma clara intenção de oferecer possibilidades para os alunos se desenvolverem na leitura e na escrita.

Abandonando dados e intenções, e seguindo por práticas, também sabemos da existência de ações importantes sendo desenvolvidas, como é o próprio “Círculo de Leitura”, e muitos outros projetos, desenvolvidos sob os cuidados da Cátedra UNESCO de Leitura – PUC - Rio e sua rede pelo país afora. No entanto, o sistema escolar/acadêmico criticado aqui é aquele, vale repetir, embasado nos paradigmas tradicionais — e ele existe! —, com conseqüências drásticas para a educação brasileira. Este sistema é o responsável pela manutenção do jazigo exposto nos capítulos anteriores, visto que não permite a entrada do diálogo cultural nos espaços de construção do conhecimento.

Neste sentido, podemos verificar que o “Círculo de Leitura” se mostra como estratégia eficaz para explorar o universo da cultura, porque ele proporciona formas mais coerentes, pensando na contemporaneidade, para lidar com os fantasmas — nossos e dos outros. O “Círculo de Leitura”, partindo da oralidade para a leitura-escrita de múltiplas linguagens, oportuniza o letramento cultural e este é o que impulsiona o indivíduo a formar aquilo a que podemos chamar “IDENTIDADE” e é o que proporciona a existência de uma assinatura, de um “ESTE SOU EU”. Não que o exorcismo seja um ritual fácil, porque, como vimos, estamos propensos a muitas contradições, todavia, é um ritual (não o vazio de sentido) necessário para que o futuro chegue. E, aqui, exatamente neste ponto, encontramos o momento ideal para retirar de seus túmulos os espectros de Marx:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestados os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nesta linguagem emprestada. /.../.¹

A questão é que a linguagem e o discurso tomados de empréstimo pouco servem a este espírito ansioso pela inovação, se, antes de qualquer outra coisa, suas próprias linguagens e seus próprios discursos não encontrarem os sentidos de seu tempo, de sua experiência, de sua identidade. Assim, a estes espíritos do passado que ainda nos oprimem — como o pensamento calcado no paradigma tradicional —, para usar o vocabulário do próprio Marx, podemos associar os discursos dos quais não conseguimos nos livrar, embaraçosos, contraditórios, que estão pairando sobre as nossas cabeças: são eles os aspectos negativos da herança, conforme nós já a colocamos anteriormente em nossas reflexões.

Deste modo, nós consideramos de grande proveito ainda, com relação a este aspecto negativo, a continuidade do pensamento de Marx, quando ele nos diz, em outras palavras, que não devemos ter o trabalho de conjurar fantasmas para continuar-lhes a trajetória em que não acreditamos. Portanto,

/.../ de maneira idêntica, o principiante que aprende um novo idioma traduz sempre as palavras deste idioma para sua língua natal; mas só quando puder manejá-lo sem apelar para o passado e esquecer sua própria língua no emprego da nova, terá assimilado o espírito desta última e poderá produzir livremente nela.²

A distância do percurso desta tradução é o que deve ser revisto. Cada retomada de discursos ancestrais deve ser acompanhada de avanços capazes de reduzir mais e mais o esforço da tradução da qual nos fala Marx³. Assim, é imprescindível a retomada do discurso para a promoção de avanços e não para a manutenção de um estado de coisas e de rituais esvaziados de sentido.

Foi o que nós procuramos mostrar (desvelar ou revelar) neste estudo.

1 MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. p. 329.

2 Ibid., p. 329.

3 Em sentido literal conforme Marx.